



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **PAISAGEM, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E AS MEMÓRIAS DOS RIBEIRINHOS DO RIO PARDO NA BAHIA**

Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira  
(UESB)

### **RESUMO**

Os ribeirinhos preservam suas memórias recorrendo ao modo de vida que fora construído e vivenciado às margens do rio. O rio Pardo é o elemento de maior simbologia na paisagem e a percepção dos mesmos é respaldada pela visão de mundo permeada por suas águas. As paisagens descritas demonstram como exerceram suas atividades rotineiras e culturais na produção espacial que reflete suas percepções, identidade, simbologia e sentido da sua condição de existência.

**PALAVRAS- CHAVE:** Paisagem. Representação Social. Ribeirinho.

### **INTRODUÇÃO**

Na leitura do espaço geográfico destaca-se o homem inserido como um elemento em constante interação com o espaço vivido. Assim, entende-se que determinado grupo social busca sempre manter incólume seu tradicional e cotidiano modo de vida e se torna interessante e imprescindível examinar como esses, no decorrer da história, vão vivenciando processos de modificação espacial e mantem as memórias que resiste às mudanças ocorridas no ambiente. Imprime-se aqui a percepção dos ribeirinhos com relação à paisagem do rio Pardo que provocou a busca do aprofundamento de conhecimentos relacionados à junção

---

· Mestre. Professora do Departamento de Geografia – DG /UESB.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

entre sujeito e objeto que na paisagem são inseparáveis; visualizada como um conjunto, uma verificação mais pausada, detalhada e continuamente na perspectiva de discuti-la como portadora de simbolismos, significações e marcas que guardam nas lembranças e convidam a lançar um olhar curioso para a averiguação do espaço como acumulação e transformação dos tempos justapostos.

A paisagem vem antes do ser humano, e, contudo se torna produto da ação do homem. Por muito tempo foi considerada como apenas um manifesto da natureza e recentemente com uma abordagem mais ampla que permite a leitura de símbolos, de significados, marcas e impressões que podem ser percebidas ou ocultas. Saramago (1999, p. 129) declara com firmeza em seu livro *Levantado do chão*: [...] “o que há mais na terra, é paisagem. Por muito do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda”. A noção preenche o imaginário na memória humana sem mesmo existir um conceito elaborado. Quando da observação do meio ambiente, podia-se falar da própria paisagem especialmente ao descrever o entorno de ambientes vividos e / ou visitados. A identificação de uma determinada paisagem estava associada à fisionomia de uma dada área, a sua expressão visível, sempre baseada na descrição dos elementos naturais e humanos e como a mesma poderia ser aproveitada como recurso.

Todavia, a paisagem contém o cenário considerado natural, mas obviamente está carregado dos elementos humanos para a sua construção. E ao enxergar uma paisagem, apreende-se uma determinada realidade que está envolta de vários significados, e não há como ignorá-la, é na verdade, preciso interpretar seu conteúdo. Segundo Bertrand (2007, p. 224): “a mais simples e a mais banal das paisagens é ao mesmo tempo social e natural, subjetiva e objetiva, espacial e temporal, produção material e cultural, real e simbólica”. Para tanto, o seu significado pode ir além dos elementos visíveis e representar muito mais do que o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

arranjo visual e funcional dos fenômenos a serem identificados, classificados, mapeados e / ou analisados.

Destarte, estudar a paisagem requer uma avaliação mais ampla, mais aprofundada dos elementos que a compõe, como por exemplo, a escala a ser considerada, a temporalidade na paisagem, bem como é extremamente necessário levar em conta o contexto histórico geográfico e os processos naturais e humanos que a envolve. “Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas”. (SANTOS, 1997a, p.22)

A paisagem também pode ser lida como tema central da sociedade. Assim, é possível compreender a convergência entre sujeito e objeto que nela são inseparáveis, promovendo o entendimento de que a paisagem não deve ser verificada apenas em função de onde se observa, mas apreendida, visualizada como um conjunto, um exame mais pausado e aprofundado por meio da percepção e que ultrapasse o simples dado conceitual.

Santos (1996, p. 32) também aponta que “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal; representando as sucessivas relações entre o meio natural e o ser humano de forma localizada, apontando para a importância do momento e da temporalidade”. Esse instante diz respeito à observação, ao contexto em que se olha e busca entendê-la, ressaltando a construção da paisagem em determinado instante. A temporalidade transversal permite compreender a história das relações espaciais.

Pondera-se que a paisagem é construída mediante as relações entre o ser humano e, sempre ao longo de tempo histórico, pois é embasada nos aspectos naturais que a cultura se desenvolve, e essa interface acontece por meio do processo de percepção resultando na atribuição dos valores e nas condutas perante o meio em que vive. De um modo mais amplo, a paisagem pode ser absorvida como um trabalho discursivo e de ordenamento da imagem do mundo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tendo como ponto de partida o ambiente próximo, concreto, palpável e apreensível pelos sentidos humanos mediante a concepção de cada povo e em cada época.

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo. (CARLOS, 1996, p. 30)

Cosgrove (2004, p. 110) destaca que é preciso: “Descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações feitas por nossa existência no mundo e na natureza, e acima de tudo, os significados que as culturas atribuem para a sua existência e para as suas relações com o mundo natural”. O conceito de paisagem e seus significados, tanto objetivos como subjetivos, real e imaginário, lidos na linha do tempo e da cultura, na interpretação de símbolos nas relações de poder, é indispensável na conexão obrigatória da leitura geográfica entre pensamento e imaginário.

Cada sociedade concebe suas representações, suas ideias, pois necessita de conhecimento a fim de orientar suas ações e atitudes no ambiente em que se fixam e em que vivem. “As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos sociais para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem”. (SÊGA, 2000, p.128). Essas em torno da natureza são diversificadas e serão expressas de várias maneiras conforme o grupo social que a habita e da relação que é desenvolvida nos lugares ocupados pela presença humana. Variam a depender dos tipos de organização que estabelecem, seja social ou econômica e, portanto determinará a conduta em torno do ambiente. Nessa análise, Reigota



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

(2007, p.70) aponta: “Assim, as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam sua realidade”.

As representações sociais são elementos simbólicos que os homens, por meio das quais, explicitam o que pensam, como percebem os mais variados lugares e as práticas que serão efetivadas, pois são historicamente construídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômico, cultural e étnico e se expressam por meio de mensagens que refletem nos mais diferentes atos e práticas sociais.

As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto claro. As pessoas tornam-se receptivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações. (SÊGA, 2000, p.132)

As práticas de uma comunidade em torno de uma paisagem, de um rio, advêm do que ela é e de como a mesma percebe aquele lugar em especial, e se torna melhor compreensível a partir do conhecimento das representações, no intuito de apreender o lugar e entender como a comunidade apropriada, constrói e modela o ambiente que é o palco da sua realidade cotidiana na relação sociedade natureza local. “É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e esperanças”. (ALMEIDA, 2003, p.71)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Com isso, examinam-se as alterações realizadas nas paisagens com a finalidade de perceber como agem os moradores das margens dos rios se comparados com as atitudes e experiências da comunidade advindas de uma herança coletiva dos antepassados, no processo de recriação da paisagem.

É fundamental destacar que o estudo das representações traz à tona a importância da avaliação na formação de condutas, os comportamentos de uma dada comunidade relacionada à sua paisagem. Existem significados diferentes códigos, signos mesmo em comunidades que vivem em ambientes similares. Dessa maneira, nota-se o estabelecimento da ordem social que existe como resultado, exclusivamente, da atividade humana e tem um sentido coerente. A conduta dos ribeirinhos em torno dos rios promove uma estrutura social que pode ser observada na vida cotidiana, e a representação social gerada da realidade desse cotidiano reforçando-o.

Em todo o tempo, tanto passado quanto presente, as paisagens vão sendo refeitas, reajustadas, por vezes requalificadas sempre pela atuação do grupo social que dela se apropria, a transforma e é por ela transformado. Para tanto, é inegável que ao apropriar, modificar, existe sempre uma relação de domínio, de poder, por ora até mesmo do poder simbólico sobre um território. Todo esse processo é resultante da visão do homem como agente modificador, firmando com a natureza uma vinculação dominante, buscando o uso do recurso, e promovendo o entendimento do território como posse simbólica que se pauta nas relações sociais e suas expressões.

Ao lançar um olhar sobre a constituição de um determinado grupo social e as características que o mesmo imprime no espaço em que habita, observa-se que são nas relações triviais do cotidiano nas quais são construídos os laços afetivos, os símbolos, os códigos de conduta, as práticas culturais estabelecendo dessa forma os vínculos de pertencimento e determinando uma dinâmica que promove identidade e territorialidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“O ribeirinho era um povo feliz, um povo que vivia bem, que tinha esse nome porque merecia.” Essa foi a explicação encontrada pelo ribeirinho que mais viveu à beira do rio Pardo e que conscientemente avalia a vida e a morte social de uma comunidade que pertence a essas águas. É a definição mais oportuna de comunidade que está sendo desfeita pela ferocidade das atuais práticas capitalistas que vigoram no espaço urbano e que os alcançam. O passado remete ao estabelecimento de uma comunidade que se criou e resiste nas lembranças, nos hábitos e na identificação.

O rio, a canoa, o trabalho na agricultura, a pesca, a caça, são construtores de sentido e convém avaliá-los dentro da concepção dialógica que interage a comunidade ribeirinha e a paisagem do rio Pardo, mostrando a impossibilidade de pensar o homem como apêndice das relações que o ligam ao outro, ao espaço em que pertence e é pertencido por ele. Nessa perspectiva de entendimento do espaço vivido, o olhar do morador urbano para o rio é distinto do olhar do ribeirinho para a mesma paisagem, uma vez que o ribeirinho conviveu com o rio por muito tempo e ainda se identifica do mesmo modo. “Tem ribeirinho que vai morrer ribeirinho”.

O universo do homem ribeirinho é permeado por suas relações com a natureza, com a construção da sociabilidade, continuado por intermédio da solidariedade, dos valores repassados por gerações, da inserção de símbolos que pertencem também ao campo da religiosidade centrado em Deus como Ser supremo e Criador.

Tenta-se reconstruir, por meio das histórias narradas e trazidas à lembrança os relatos feitos pelos ribeirinhos que habitam o rio Pardo, rio que pertence a Bacia Hidrográfica do rio Pardo, nasce no município de Rio Pardo de Minas no Estado de Minas Gerais concluindo seu curso no município de Canavieiras no Estado da Bahia desaguando no Oceano Atlântico; e assim torna possível fazer comparações, analogias e avaliar as consequências do processo histórico e geográfico ao clarificar o futuro o que está aparentemente entre o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

possível e o improvável de acontecer. Nos meandros das falas apreende-se a água como aspecto marcante para eles.

“A água do rio Pardo representa vida, a nossa vida”, com essa afirmação nota-se que o rio para os ribeirinhos entrevistados constitui-se como o aspecto de relevância, pois seus sonhos, suas expectativas, seu modo de vida foram construídos às suas margens, neste trecho do rio que está localizado em torno do município de Itambé no Sudoeste da Bahia. A cosmovisão deles, ou seja, a percepção de mundo está marcada por estas águas. “Mesmo que não tivesse essas árvores, essas plantações que você vê por aqui, o rio ainda seria a coisa mais importante, pois na água que ele guarda a gente encontra peixe pra comer, pode beber, cozinhar, lavar roupa e isso enche a gente de alegria”, declara J. S.P, 79 anos.

A primeira referência da vivência ribeirinha está relacionada à dinâmica e ao papel do curso de água, nesse caso, o rio Pardo revela, sobretudo, a sobrevivência das famílias ribeirinhas em um passado remoto, à vista disso no rio a cotidianidade se reproduz material e imaterialmente. Para eles, por meio desse curso d’água movimentaram-se sonhos, desejos, encontros e modos de vida. O homem ribeirinho criou seu próprio mecanismo de usar o tempo e o espaço; uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social.

As habitações apresentam estreita ligação com o rio e suas águas. As poucas casas que ainda estão próximas da margem mantêm suas portas e janelas voltadas para o rio. Todavia, as vegetações nas margens estão bastante devastadas, a mata ciliar praticamente inexistente em alguns trechos e o acesso de pessoas ao rio facilitou a degradação à beira do mesmo, pois retirou-se a vegetação das bordas a fim de construir caminhos que permitam a passagem dos moradores residentes no bairro Felipe Achy de camada popular no trajeto diário.

A leitura da paisagem do rio Pardo atualmente difere da paisagem concebida e guardada na memória que são lembradas quando solicitados. Ao





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

falar sobre as águas diante da paisagem do rio no presente, recordam as experiências do passado. A degradação ambiental desse manancial é recorrente, o que tem prejudicado toda a vida biótica; mas as experiências com as suas águas ainda permeiam intimamente a lembrança e o cotidiano dos ribeirinhos. No entanto, no imaginário desses, o rio 'bom' não é este que se vivencia hoje, mas o que pertenceu ao passado da comunidade.

Na minha cabeça eu tenho lembranças do rio bem cheio, muitas árvores, muito verde, muita gente fazendo cada um uma coisa diferente, hoje o que é mais marcante na minha vista "é" essas águas fracas, antigamente a gente já entrava no rio com as águas na cintura, agora a água dá na metade da canela. (J. S. P, 79 anos)

Anteriormente, esse curso de água era bastante usado principalmente como via de deslocamento, o que possibilitava resolver todas as questões cotidianas. A mobilidade do ribeirinho estava diretamente ligada ao rio, pois o mesmo permitia o deslocamento por meio de pequenas embarcações, tanto da busca pelo auxílio médico até os encontros amorosos. "Muitas vezes a gente saía de canoa ou num barquinho para encontrar com a mulher amada", relembra um dos entrevistados. O rio foi o meio pelo qual o ribeirinho transportou o excedente de sua produção para as feiras livres, o pescado, e alguma caça. As águas se tornaram o símbolo possível da locomoção para ambientes que sem elas seriam quase impossível alcançar.

A cultura ribeirinha combina o ritmo da sua existência alicerçado com o ritmo natural do rio Pardo. Nota-se que a água do rio é produtora de simbologia que os impõe respeito e temor. E essa simbologia foi absorvida por diversas sociedades ao longo da história do homem.

No período das cheias, a comunidade ficava mais atenta aos problemas que poderiam advir e alguns se mudavam para outras áreas mais distantes das margens a fim de evitar possíveis tragédias. Sempre observando as águas do rio e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

seu movimento. Essas representavam a certeza da abundância bem como temiam a força desse manancial, pois sabiam que com um rio caudaloso a morte era incontestável e assim não arriscavam suas vidas. “Por não respeitar o rio muita gente nossa morreu, porque achou que era mais forte do que o Pardo e não foi por falta de aviso que eles conheceram a morte”. A identidade do rio fica impregnada no imaginário de seus habitantes e também daqueles que o conhecem e o utilizam de alguma maneira. O uso que se faz do lugar é que determina a sua valoração.

Nas práticas culturais estão infundidos os aspectos religiosos, pelo conteúdo simbólico que as igrejas desempenhavam na vida social. São aspectos de um mesmo processo espacial, eles definiam nitidamente os momentos do trabalho, o lúdico e o religioso. A maioria se declara católica e costumeiramente aos domingos iam às missas, sejam essas no distrito de Itatinga, que posteriormente se tornaria a cidade de Itambé, ou nas suas próprias casas, mas em todo tempo o ritual católico. Ressaltam que sempre houve o momento de agradecer a Deus e aos santos que os ajudavam no plantio, na pesca e “pôr manter as águas com abundância de peixes”. Todos dizem que o maior dever “é acreditar e agradecer a Deus que tudo criou”. A água do rio Pardo se apresenta como um referencial sagrado, à vista disso para os ribeirinhos as cheias e as inundações representam as bênçãos do Criador, enquanto que a degradação atual determina “a falta de sabedoria dos homens em cuidar do que Deus criou”.

São unânimes ao afirmar que as águas do rio Pardo constituem o elemento mais destacável na paisagem e é enxergada e compreendida como objeto palpável, que se pode usar, visível e por intermédio delas relembram a história deles mesmos, fatos contados e alguns presenciados como parte de um mesmo movimento de construção do espaço vivido. Desse modo, o uso e a percepção das águas na paisagem possuem um conteúdo simbólico, afetivo, envolto pelo prazer e pelo imaginário.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A água como o elemento de maior destaque na paisagem desempenha um papel fundamental, pois garante a reprodução da vida, a produção social, uma vez que regeu as atividades propostas para a articulação cotidiana do ribeirinho. Ao mesmo tempo em que se usam essas águas, eles mantêm uma relação de temor, sem especulações, por ter a conscientização de que água é mais poderosa do que o homem e ninguém pode vencer essa condição, nem mesmo o ribeirinho que conhece o rio de tão perto. “É porque a gente vive com o rio que a gente tem até medo dele”.

Assim, está expressa a representação social dos ribeirinhos, por meio do rio, como condição na observação do comportamento das águas para o exercício e na construção do labor diário, suas condutas e da promoção de uma estruturação social. E ao mesmo tempo quando se identificam como ribeirinhos alguns ainda se orgulham por serem reconhecidos como tal.

O rio Pardo é, portanto, como uma marca indelével na relação de identidade grupal com o lugar, pois estão inseridos em uma dinâmica social com caracterizações específicas que além do modo de vida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular é apreendido como constitutivo importante para a definição de uma comunidade tradicional.

## **CONCLUSÕES**

A paisagem abarca sucessivas relações entre o homem e a natureza apontando para a importância do momento e da temporalidade que se dá pela apreensão da mesma pelo olhar e é entendido como uma associação na construção da paisagem cultural. Nesse entendimento de interação entre sujeito, objeto e relações sociais, a paisagem do rio Pardo foi abordada e expressada em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Portanto, esse manancial sempre representou a abundância, a fartura das águas e símbolo existencial do ribeirinho, pois a mobilidade da comunidade continuamente esteve ligada ao rio. A pesca, a lavagem da roupa e o lazer tinham sentido porque era praticado no Pardo. Assim, as águas e seus ciclos ainda são entendidos como significação de domínio que devem ser resguardado para a conservação da própria vida.

No passado a organização ribeirinha se fez em volta, especialmente, da solidariedade, para plantar e colher, para celebrar e realizar ritos religiosos. A identidade ribeirinha foi construída na luta e na escassez e sempre conjuntamente. No espaço urbano não há essa integração, não se planta, nem se colhe nem se coletam frutos da mata. Para eles, o urbano é hostil. Na cidade fragmentada estão em situação de marginalização social. A percepção de mudanças nas condições de sobrevivência, relacionadas à redução do uso da água do rio e dos recursos naturais, levou o ribeirinho a se adaptar às novas formas de vida e escondido na genérica expressão de trabalhador da cidade, a vida ribeirinha se torna destituída de sentido.

Mediante todas as constatações, avalia-se que são imprescindíveis propostas urgentes para uma maior compreensão da espacialidade, da identidade ribeirinha no sentido de proporcionar um resgate para a manutenção das práticas culturais ao utilizar-se, por exemplo, dos conhecimentos tradicionais, dos manejos, em relação para com terra e a água bem como dos saberes tão específicos e valiosos do *ser* ribeirinho.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de, ALMEIDA, Alessandro JP Ratts. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessia: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Organizador Messias Modesto dos Passos. Maringá: Massoni, 2007.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- COSGROVE, Denis. E. A cultura está em toda parte: cultura e simbolismos nas paisagens humanas; IN: CORRÊA, R. L, ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997a.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia da crítica**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. SÊGA. Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**. Porto Alegre, n.13, julho de 2000.
- SÊGA. Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**. Porto Alegre, n.13, julho de 2000.